

A Madeira, do turismo à tecnologia

A Box Santander Advance Empresas esteve na Madeira. As Conversas Soltas debateram o presente e o futuro da região

Estratégia
Arquipélago apostou na baixa de impostos

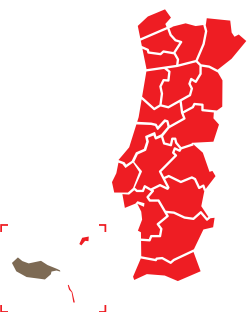
Desafio
Como manter o Centro de Negócios

Hélder Santos



Vítor Calado, Miguel Gouveia, Sofia Frère, Pedro Calado, José Carmo, Jorge Veiga França, David Caldeira e Luís Miguel de Sousa.

Publicidade



MAIS PRÓXIMO DAS REGIÕES MADEIRA

www.maisproximodasregioes.negocios.pt

CONVERSAS SOLTAS
Santander Empresas

MADEIRA EM PERSPECTIVA

Santander Empresas

negocios

CORREIO da manhã

NEGÓCIOS INICIATIVAS **Box Santander Advance Empresas - Madeira**

Funchal foi pioneira no uso do IFRRU

Madeira apostou na baixa de impostos

Nos últimos dois anos, o Santander colocou à disposição das empresas madeirenses mais 350 a 400 milhões de euros de crédito.

FILIPE S. FERNANDES

Textos

HÉLDER SANTOS

Fotografia

O Santander está presente em todos os concelhos da Madeira, o que reflete “a importância que damos à proximidade com as pessoas e as empresas. Estamos cá para vos servir”, referiu Sofia Frère, adjunta da administração do Santander e responsável pela área comercial Açores e Madeira do Santander, na abertura das Conversas Soltas na Box Santander Advance, que esteve na Praça do Município do Funchal a 26, 27 e 28 de junho.

“O Santander tem tido um papel decisivo nos últimos anos na região em termos de financiamento à economia e às empresas”, reconhece Vítor Calado, diretor da rede Madeira do Santander, que participou nas Conversas Soltas. O banco é líder de mercado na região, mas, segundo Vítor Calado, “não queremos ser apenas o maior banco das ilhas ou maior na região, queremos ser o banco que é reconhecido pelos nossos clientes como o melhor banco e o que melhor satisfaz as suas necessidades”.

Mais turismo

Sofia Frère salientou o facto de, desde o início do lançamento do programa Instrumento Financeiro para a Reabilitação e Revitalização Urbanas (IFRRU), o Santander ter promovido uma série de iniciativas em colaboração com os vários municípios, o que permitiu, “coincidência ou não, que a Madeira, através da Câmara Municipal do Funchal, fizesse a primeira operação a nível nacional ao abrigo do programa”.



Vítor Calado é o diretor da rede Madeira do Santander.

A economia madeirense assenta sobretudo em comércio e serviços e no turismo, o que “naturalmente faz com que tenham o maior número de solicitações de crédito, mas o que procuramos ter em cada uma das áreas é as respostas específicas e adaptadas às necessidades dos clientes”, referiu Vítor Calado. “O Santander nunca fecha a torneira do crédito e durante o período de maior crise, no maior aperto financeiro, estivemos sempre ao lado das nossas empresas”, prosseguiu o responsável pelo Santander na Madeira.

Nos últimos dois anos, o Santander colocou à disposição das empresas mais 350 a 400 milhões de euros de crédito. “Isto só é pos-

sível quando há um perfeito conhecimento e entendimento do cliente e das suas necessidades, da sua postura de mercado, e se beneficia da visão do empresário, da sua perspetiva para a sua atividade nos próximos anos. O que nos dá uma visão “top down” sobre todos os setores de atividade. Podemos trabalhar e aconselhar-nos em parceria e trilhar juntos um caminho de sucesso”. Considera Vítor Calado que “todos os setores de atividade são apetecíveis, cada um com as suas particularidades”.

Ligação à região

A parceria do Santander com a Universidade da Madeira tem uma longa história. “É uma for-

ma de apostar no potencial dos jovens, na educação, na formação profissional.” Vários protocolos assinados com as entidades locais “espelham também a forma ativa como o Santander, através da equipa local, se posiciona para permitir acesso a condições preferenciais”, diz Sofia Frère. Como por exemplo com a ACIF ou com a Associação de Promoção da Madeira.

“Temos acompanhado os empresários e o Governo regional em algumas missões no estrangeiro, pois estando ao lado dos nossos empresários estamos cada vez mais aptos a apostar nos seus negócios e a acompanhar as suas necessidades. Temos uma particular atenção à população madeirense não residente que merece o nosso reconhecimento pelo seu espírito empreendedor e pela ligação constante à sua terra natal”, salientou Sofia Frère. ■

Conversas à solta no Funchal

As Conversas Soltas, tendo como tema “Madeira em Perspetiva”, realizaram-se a 26 de junho na Box Santander Advance, no Funchal, no âmbito da iniciativa Mais Próximo das Regiões. Participaram David Caldeira, administrador da Porto Bay Hotels & Resorts, Jorge Veiga França, presidente da Associação Comercial e Industrial do Funchal, José Carmo, reitor da Universidade da Madeira, Luís Miguel de Sousa, presidente do Grupo Sousa, Miguel Gouveia, presidente da Câmara Municipal do Funchal, Pedro Calado, vice-presidente do Governo Regional da Madeira, e Vítor Calado, diretor da rede Madeira do Santander, tendo contado com a moderação da jornalista Andreia Vale.

“Os fundos comunitários foram fundamentais para o desenvolvimento da região. Soubemos ao longo do 40 anos construir infraestruturas viárias, escolas, centros de saúde, água potável, instalações elétricas. Criámos condições para que a população pudesse ter qualidade de vida, e esse investimento teve de ser pago”, refere Pedro Calado, vice-presidente do Governo Regional da Madeira. Com uma dívida pública de 6,6 mil milhões de euros, durante 4 anos cumpriu um plano de ajustamento, que acabou em 2016, quando se iniciou a inversão de ciclo.

“Havia muitas obras paradas, retomámos o investimento público e as condições para a economia voltar a crescer.” A Madeira cresce há 70 meses, a uma média superior à nacional e à europeia, a taxa de desemprego caiu de 15,8% para 7%, a balança comercial é positiva. Em 3 anos, a Madeira reduziu a dívida pública de 6,6 mil milhões para 5 mil milhões.

Taxa de 13%

A prioridade do Governo regional foi baixar impostos tanto do IRC como IRS. Segundo Pedro Calado, “a Madeira é a região que tem a mais baixa taxa de IRC a nível nacional, para empresas pequenas e médias empresas e micro”. Por exemplo estas que representam 97%/98% do tecido empresarial, com matéria coletável até 15 mil euros pagam uma taxa de 13%, em termos comparativos, o Açores tem 13,6% e 21% no Continente”. Através dos fundos comunitários, apoiou as empresas e, nos últimos 5 anos, foram injetados mais de 72 milhões diretos para o tecido empresarial, 85% fundos comunitários. ■



Pedro Calado é o vice-presidente do Governo Regional da Madeira.

Pacto de regime em defesa do centro de negócios

“Cria-se uma imagem muito negativa do Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM), que não é correta, mas também era bom que o Estado português assumisse a sua responsabilidade quanto à péssima imagem que tem sido transmitida sobre o CINM, isto não cai por acaso, nem esta má informação pública surgiu do nada”, denuncia Pedro Calado, vice-presidente do Governo regional.

Miguel Gouveia, presidente da Câmara Municipal do Funchal, defende que “deveria ser feito uma espécie de pacto de regime para que toda a gente defenda o CINM como seu. Vemos os outros países que têm uma visão patriótica dos seus centros e é importante Portugal ter um sentido de proteção com o que é nosso”.

“O CINM conseguiu, ao longo de 30 anos, tornar-se o segundo pilar do desenvolvimento económico da região”, a seguir ao turismo, diz Jorge Veiga França, presidente da Associação Comercial e Industrial do Funchal. Gerou 122 milhões em impostos em 2018, ou seja, 13,3% dos impostos cobrados.

Atração de tecnológicas

“É importante principalmente para atração de investimento e fixação de investimento estrangeiro, é de certa forma mais uma infraestrutura no campo da fiscalidade”, considera Jorge Veiga França, que adianta “a sua contribuição para o terceiro pi-

lar do desenvolvimento económico da região baseado em empresas tecnológicas”. Estas empresas vendem os seus produtos e soluções em mais de 170 países do mundo.

Para Pedro Calado, acrescenta o papel da Universidade da Madeira na atração de investimento estrangeiro para áreas como a inovação e a tecnologia. “Todos os jovens formados na área de tecnologias, Engenharia Informática, têm tido mercado de trabalho na região.” Além disso, “há grupos internacionais estrangeiros, que através do CINM, têm trazido os seus quadros qualificados para se fixarem na Madeira e que têm mais de 50, 60 e 70 funcionários estrangeiros e residentes nacionais que fazem o seu trabalho e vivem na Madeira, que pagam impostos na Madeira e que desenvolvem a sua atividade a partir da Madeira”, adiantou Pedro Calado. ■



Portugal devia ter um sentido de proteção em relação ao Centro de Negócios da Madeira

MIGUEL GOUVEIA
Presidente da Câmara Municipal do Funchal

“A viagem é o único prazer que perdura depois de ter acabado”

“A hotelaria é e vai ser uma atividade de mão de obra intensiva”, diz David Caldeira, administrador da Porto Bay Hotels & Resorts. A tecnologia determina a produtividade, mas “o turismo é a emoção”.

“Na Madeira há espaço e muitas oportunidades no turismo, principalmente fora do Funchal, que é onde existe grande concentração, e fica essa sensação, em certos casos, de alguma claustrofobia”, assinala David Caldeira, administrador da Porto Bay Hotels & Resorts. O grupo tem seis hotéis na Madeira, um no Algarve, dois em Lisboa, um no Porto e três unidades no Brasil (Rio de Janeiro, Búzios e São Paulo) com um total aproximado de 3.200 camas, tendo 1.100 colaboradores e faturação de 82 milhões de euros em 2018.

“Aumento de produtividade, criando produtos que geram mais riqueza, para pagar melhores salários e derramar pela coletividade em geral, já que o turismo é a atividade que mais depressa distribui rendimentos”, assume David Caldeira.

Para este gestor o caminho passa por criar produtos de maior valor acrescentado, por crescer em quantidade em qualidade. Deu como exemplo os nichos de mercado que valorizam as zonas recuperadas, como o centro do Funchal, que “era uma zona degradada e hoje é superanimada, em que fomos pioneiros, pois foi despolegado pela criação de um hotel, o Porto Santa Maria”, sublinha David Caldeira.

O turismo na Madeira

O turismo representa cerca de 27% do Produto Interno Bruto da região, 16% do Valor Acrescentado Bruto, e emprega à volta de 20 mil pessoas, cerca de 17% do emprego total na região. Em 2018 foram 1,6 milhões de turistas, 8,3 milhões de dormidas e proveitos totais superiores a 420 milhões de euros.

Reabilitação do Funchal

Miguel Gouveia, presidente da Câmara Municipal do Funchal, recorda que, em termos de Madeira, foi no Funchal que se criaram as duas primeiras sociedades de reabilitação urbana e se fez a primeira área de reabilitação urbana com benefícios fiscais. “Atualmente é a terceira cidade do país que tem mais projetos de reabilitação urbana, financiados pelo IFRRU, atrás de Lisboa e Porto. O Funchal tem estado a beber desta fonte de crescimento económico, sendo que o turismo acabou por potenciar muito a reabilitação”, conclui Miguel Gouveia.

Nesta recuperação o Alojamento Local (AL) também tem tido o seu papel. Miguel Gouveia lembra ainda que, no início da crise económica e financeira em 2008, “em que o financiamento e o crédito estiveram muito condicionados, algumas unidades hoteleiras que estavam em construção fecharam como o Hotel Savoy e o Madeira Palácio, o que criou uma certa carência de oferta. Como a procura não baixou a oferta acabou por se ajustar ao mercado com o surgimento de muitos estabelecimentos de AL. O Funchal representa metade do AL que a região tem, são cerca de 1.600 unidades num total de 3200”.

Mão de obra intensiva

“A hotelaria é uma atividade de mão de obra intensiva, e vai continuar a ser”, diz David Caldeira. O papel da tecnologia é determinante na produtividade, mas “não podemos esquecer que o turismo é cada vez mais a emoção, a experiência única. Gostamos de ter experiências para contar. Costumo dizer que viajar é o único prazer que perdura depois de ter acabado”, assinalou David Caldeira.

A hotelaria é muito concorrencial tanto globalmente, como em Portugal. Segundo David Caldeira, apenas 10% das camas do país são de marcas hoteleiras. Não há em Portugal nenhuma atividade em que a concorrência seja maior que no turismo. Referiu que “a diferenciação tem de se fazer pelo preço, pela qualidade ou pela rede de distribuição, mas não há outra forma de se distinguir a não ser nestas três dimensões”.

Para David Caldeira, no turismo, “o segredo está nas pessoas, no produto e na promoção. Esta é vital para ter capacidade de fugir ao circuito dos comissionistas, dos ‘bookings’ para obter exatamente mais valor. É tão simples quanto isto, é o produto que tem de ser diferenciado, as pessoas e a emoção. Mas o segredo fundamental está nas pessoas”. ■



NEGÓCIOS INICIATIVAS Box Santander Advance Empresas - Madeira

Como manter as sedes dos grupos económicos na Madeira

Universidade vale 30 milhões

A Madeira tem vários projetos que nasceram nas ilhas “e que estão a abordar o mercado nacional e internacional de uma forma eficiente, competitiva e que acrescenta valor”, adiantou Luís Miguel de Sousa.

“Os projetos empresariais feitos a partir de uma ilha começam com ‘handicaps’ desfavoráveis, mas estes também lhes dão a força e a perseverança para enfrentar os desafios resultantes da pequena dimensão e da insularidade. Ficam mais fortes e mais competitivos”, referiu Luís Miguel de Sousa, presidente do Grupo Sousa, que é hoje o maior armador português.

A Madeira tem vários exemplos de projetos que nasceram nas ilhas e têm tido afirmação nacional, como o Grupo Pestana, o Grupo Sousa, o Porto Bay, e outros grupos de hotelaria com grandes projetos no Continente. “São empresas que estão a abordar o mercado nacional e internacional de uma

forma eficiente, competitiva e que acrescenta valor e os faz mais competitivos na sua ação”, adiantou Luís Miguel de Sousa.

O Grupo Sousa tem mais de 67 empresas, fatura 153 milhões de euros e 70% do volume de negócios é gerado fora da Região Autónoma da Madeira. O seu principal acionista, com 80% do capital, considera que existe um grande desafio para o futuro, que é como reter “estes projetos empresariais com as suas sedes na Madeira porque isso implica emprego qualificado, bem remunerado. No dia em que essas empresas levarem essas sedes para o espaço continental a Madeira perde impostos, emprego qualificado, consumo. E este tema deverá ser um tema para os governos regionais

terem uma atenção especial”.

A questão fiscal

Luís Miguel de Sousa acrescenta que “o grupo Sousa caminha para as mil pessoas, das quais 65% estão na Madeira. Portanto as estruturas centrais estão na Madeira, como a comunicação, o marketing, a gestão de pessoal, o controlo de gestão, a contabilidade, a fiscalidade, e é emprego qualificado. No dia que deixarmos de ter sede na Madeira, tudo isto desaparece e esse emprego qualificado vai ser oferecido a outra região”, remata Luís Miguel de Sousa.

Considera que há várias formas de fazer com que os grupos permaneçam na Madeira, e acena com a questão fiscal. “O regime especial

de tributação dos grupos empresariais obriga-nos à taxa máxima do país, que são 21%, enquanto na Madeira é 20%. Isso seria uma forma de fixar grupos, mexer na legislação permitindo que as taxas aplicadas aos regimes especiais de tributação aos grupos empresariais pudesse ser feita com taxas mais vantajosas”.

“Temos pensado em algumas soluções para conseguir manter os centros de decisão das empresas madeirenses na Madeira”, referiu Pedro Calado, vice-presidente do Governo Regional da Madeira. Sublinhou que “ainda não pode levantar o véu das soluções”, nos seus grandes objetivos está fazer “com que a atratividade do investimento externo seja uma realidade, mas também estamos a trabalhar num plano fiscal que seja atrativo e que seja capaz de fazer com que estes grandes grupos económicos fixem aqui os seus quadros mais qualificados”. ■

Os atrasos no aeroporto entre a regulação e o vento

“Nos últimos anos, mais de metade dos voos foram desviados porque o vento estava acima dos limites entre um e dois nós, e assim são afetados centenas de milhares de passageiros e o próprio turismo”, refere Pedro Calado.

“Não é só na Madeira que há vento ou que o aeroporto fica condicionado porque o de Lisboa já ficou condicionado por falta de visibilidade ou o do Porto fica muitas vezes condicionado”, afirma Pedro Calado, vice-presidente do Governo Regional da Madeira.

O anticiclone dos Açores tem algum impacto, mas não é a razão para o aeroporto ficar condicionado como tem acontecido. Segundo o IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera) “nos últimos anos houve um acréscimo de um nó de vento, não faz sentido que por um nó de vento haja o condicionamento que existe com a atual tecnologia que as aeronaves têm e para o prolongamento que a pista do aeroporto teve nos últimos anos”, revela Pedro Calado.

Limites de há 50 anos

Nos aeroportos, os limites podem ser recomendáveis ou mandatórios. Os que existem no aeroporto do Funchal são limites mandatórios, foram determinados em 1964, quando a pista do aeroporto foi inaugurada, era de terra batida e três vezes menor.

“Passados 50 anos a pista é outra, os aviões são mais sofisticados, os pilotos têm mais treino, a única que não mudou é a ANAC, que proíbe os pilotos de tentarem uma aterragem quando os ventos estão em média acima dos 15 nós e os ventos de rajada acima dos 25 nós. Mais de metade dos voos desviados nos últimos anos, foram-no porque o vento estava acima dos limites entre um e dois nós, e assim são afetados centenas de milhares de passageiros,

com as devidas consequências para o turismo”, refere Pedro Calado.

Adianta que “não pedimos que se retirassem os limites, porque somos os primeiros a querer zelar pela segurança de todos os passageiros, até porque somos os principais utilizadores”, diz Pedro Calado. Mas há equipamentos que medem de uma forma mais rigorosa os quadrantes de vento e fornecem a informação em tempo real, mas considerou-se que era um investimento que a ser feito por entidades nacionais. “Estivemos um ano e meio à espera que decidissem o investimento, que é de quatro milhões de euros. Vai ser aberto o concurso para estes equipamentos, o que demora seis meses, e até que comece a funcionar em pleno tem de se esperar até 2021”, sublinha Pedro Calado. ■

Hélder Santos



De cima para baixo: José Carmo, Jorge Veiga França e Luís Miguel de Sousa

“A Universidade da Madeira, em termos de oferta cobre muito seletivamente praticamente todas as áreas. Isto é, cobre as grandes áreas das ciências das artes, das ciências sociais, das engenharias, da biologia”, explica José Carmo, reitor da Universidade da Madeira.

A instituição identificou “dez áreas nas quais a Universidade deve apostar mais, como a alimentar, a biodiversidade, o mar azul, a saúde, entre outras, mas que neste momento há um conjunto de prioridades que estão bem definidas: o desenvolvimento das competências digitais, e o desenvolvimento na área do turismo e da saúde”, assinala José Carmo.

Tem cerca de 2.700 alunos e assume que o número de alunos é baixo em relação a outras universidades. Mas a média de entrada dos alunos foi de 14,1 valores, cerca de 11% teve nota igual ou superior a 17 valores, “portanto, os alunos são bons”, sublinha José Carmo. Mas a universidade tem um papel social importante pois, neste momento, 42% dos alunos são bolsseiros de ação social, enquanto no país a média é de 21%. “Isto significa que muitos deles não teriam oportunidade de tirar um curso superior se não fosse a Universidade da Madeira”, analisa José Carmo.

“Bons alunos”

Em 30 anos, a Universidade da Madeira diplomou cerca de doze mil pessoas. “Parece pouco mas é 5% da população da Madeira”, revela José Carmo. Em termos de impacto económico, o reitor calcula que o impacto direto da universidade na economia da região seja de 30 milhões de euros anuais.

Refere que há “um conjunto de empresas que só vem para a região porque existe a Universidade, que consegue atrair e manter cá conhecimento”. Sublinha que “a carteira de projetos, que a universidade tem este ano é a volta 9 milhões. Há três anos tínhamos 3 milhões”.